

Conquistando Consciências, Apesar de...

Ana Maria do Régo Monteiro *

O ano de 1964 marca, historicamente, o início de uma “revolução” político-ideológica na sociedade brasileira. Com a ascensão do generalato ao poder, de forma direta e sem subterfúgios, várias foram as transformações impostas à sociedade e, conseqüentemente, aos indivíduos. Envergando patente-de-força indiscutível, o país é intimado a se curvar — e em muitos casos até a reverenciar — ante os novos preceitos político-ideológico-sócio-culturais.

Cabe ao poder dominante a determinação paternalista, logo, “protetora”, dos anseios e atitudes de um rebanho assustado, aterrorizado e perplexo. Mas, embora pressionada em sua produção e divulgação pela censura prévia e castradora, a criação artística não se deixou sucumbir ao desânimo e absoluta falta de incentivos (em todos os níveis), característicos da época.

Este é o testemunho que a literatura dos anos 70 nos dá. Literatura de denúncia e constatação de uma realidade absurdamente caótica. Literatura que se mostra preocupada não só com a elaboração formal ou conteudística, porém com a aliança de todos esses elementos e, sobretudo, preocupada com a recepção da obra pelo público. Pois, pretendendo mostrar, denunciar uma dada realidade espera do leitor/consumidor da obra uma apreensão consciente e crítica, uma autêntica tomada de posição diante dos fatos narrados. Daí o leitor decodificador e produtor de novos significados.

Em relação ao narrador, não há mais a onisciência deste, constituindo-se, outrossim, em um participante — denunciador — perplexo da realidade que o circunda e sufoca. Procurando captar, em sua essência, uma realidade que se apresenta totalmente confusa, caótica, fragmentada, o autor/narrador/personagem transforma-a ficcionalmente, também de modo formalmente fragmentado e, aparentemente, desorganizado, porque utiliza recursos jornalísticos, cinematográficos, etc. Recursos estes advindos de outras formas de produções artísticas. Burlando a censura e/ou camuflando a força denunciadora de sua temática, através da lingua-

* Aluna do curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira — UFSC.

gem, a narrativa contemporânea mostra, fragmentariamente, este universo absurdo de indivíduos fragmentados, desindividualizados, coisificados.

Emergindo criticamente do caos “revolucionário” iniciado em 64 e que teve seu apogeu no final daquela década e começo da década seguinte, a ficção dos anos 70, através de sua construção formal e conteudística, apresenta-se sobretudo como um instrumento de força conscientizadora de consciências que, por algum motivo, ainda hoje são passivas e alienadas.

Objetivando constituir-se em um objeto estético, mas também útil, a literatura contemporânea estremece as estruturas meramente contemplativas, empurrando-as a uma conscientização crítica e atuante no mundo de que são parte integrante. Torna-se portanto, uma literatura de conquista de consciências, apesar de . . .